



**Vivências da
Sexualidade na
Deficiência e a
Compreensão
de Gênero**

ASID

AÇÃO SOCIAL PARA
IGUALDADE
DAS DIFERENÇAS

A stylized illustration in shades of gray and black. A man with dark skin and short hair is wearing sunglasses and a t-shirt. He is standing behind a woman with light skin and dark hair, who is wearing a t-shirt with a heart on it and dark pants. She is using a cane. The background features large, abstract shapes in white and gray.

Vivências da Sexualidade na Deficiência e a Compreensão de Gênero

ASID

AÇÃO SOCIAL PARA
IGUALDADE
DAS DIFERENÇAS

Ficha Técnica

Realização ASID Brasil

Parceria Instituto Mara Gabrilli – IMG

Coordenação do Projeto Bianca Beltrami

Elaboração Francisca Edinete (Neuropsicóloga)

Rafael Fernandes (Assistente Social)

Anali Santos (Assistente Social)

Análise e compilação dos dados Maria Aparecida Valença (Assistente Social)

Bruna Morais (Assistente Social)

Revisão Bianca Beltrami

Gabriele Reikdal

Projeto Gráfico Anne Mendes

Sumário

Introdução	5
1.Objetivo	6
2.Definindo a sexualidade	7
2.1 Sexualidade e Deficiência	9
2.2 Estigma/Estereótipo	11
Pessoa com deficiência tem direito a vida afetiva?	19
O que podemos fazer?.....	21
Trabalho em rede	22
Recursos para denunciarem casos de maus tratos e qualquer tipo de negligência a pessoa com deficiência	22
3.Gênero	23
3.1 - Patriarcado	26
3.2 - Biscoito Sexual	27
3.3 - Rede de serviços.....	30
Referências	32

Introdução

A ideia de se produzir esse material surge da realização de encontros de Formação com profissionais que aconteceu no encontro “Troca de saberes” promovido pela ASID em parceria com o Instituto Mara Gabrili.

Nesses encontros ficou evidente a necessidade de se pensar em ferramentas que possam auxiliar no trabalho que todos os profissionais realizam

FERRAMENTAS QUE POSSAM AUXILIAR NO TRABALHO QUE TODOS OS PROFISSIONAIS REALIZAM COM PESSOAS DEFICIÊNCIA E SUAS FAMÍLIAS.

com pessoas com Deficiência e suas famílias.

O tema Sexualidade e Gênero e a deficiência tem sido apontado por esses profissionais como uma questão que permeia o cotidiano das famílias que não sabem lidar com tal questão e recorrem aos serviços, que também procuram por capacitação neste quesito para lidar de forma eficaz, fornecendo informação qualificada para as pessoas atendidas.

A produção desse material tem como premissa básica desmistificar a ideia de que Sexualidade e Gênero não estão presentes na vida de uma pessoa que

possui algum tipo de Deficiência. Conscientizar a sociedade de que esses aspectos integram o desenvolvimento humano é o primeiro passo para a compreensão e com isso melhorar a forma como se aborda o tema, sem que este seja mais um obstáculo a ser enfrentado pela pessoa com Deficiência no seu processo de Inclusão.

Procuramos deixar claro que as ideias apontadas aqui podem servir de elemento norteador para o entendimento de que a sociedade como um todo necessita olhar para o aspecto da Sexualidade e Gênero na Deficiência como um direito que deve ser respeitado.

Boa leitura!!

1. Objetivo

SEXUALIDADE E GÊNERO EM DIVERSOS AMBIENTES

O principal objetivo deste documento é apresentar ideias de como Sexualidade e Gênero vem sendo discutidos em diversos ambientes e pensar que estes aspectos não se apresentam de forma diferentes quando se pensa em uma pessoa que possui algum tipo de deficiência.



2.

Definindo a sexualidade

Com muita frequência, são indisponíveis para as famílias informações claras sobre o tema Sexualidade, por se tratar de um assunto ainda envolto pelo desconhecimento, embora, o interesse pelo tema venha sendo estimulado, muito por conta do movimento de inclusão da pessoa com deficiência

Dessa forma, é importante destacar a conceituação de sexualidade como forma de compreensão

dos direitos sexuais e reprodutivos contidos na legislação. Como elemento fundamental da condição humana, seu exercício deve ser assegurado na dimensão dos Direitos

A SEXUALIDADE DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS, DEVE SER ESCLARECIDA, ORIENTADA E VIVENCIADA

Humanos, constituindo-se de uma gama de direitos sexuais e reprodutivos.

Para ultrapassar essas barreiras, a sexualidade das pessoas com

deficiências, deve ser esclarecida, orientada e vivenciada de forma inclusiva, integral e

humana, e não mais estigmatizante, buscando dessa forma, a promoção de uma melhor qualidade de vida.

A inclusão social deve ser incorporada e mudanças na concepção geral da sociedade devem ser propostas, respeitando as pessoas com Deficiência em sua totalidade, como indivíduos que possuem desejos como qualquer outro ser humano.

Conforme colocado por De Paula (2005), a sexualidade é um tema que ainda é tratado como

um tabu. Questões essas que são somados a outros tabus quando se pensa na sexualidade da pessoa que possui algum tipo de deficiência.

No nosso idioma, a palavra sexo tem muitos significados. Sexo pode ser uma palavra que designa o gênero masculino ou feminino, servindo para uma distinção biológica entre homens e mulheres, a partir da qual se definem papéis e atribuições sociais, que variam conforme a cultura. Mas também pode referir-se a

qualquer atividade que resulte em sensação de prazer no corpo ou, mais especificamente, nos órgãos genitais do homem ou da mulher. Pode significar, ainda, o ato sexual em si, “fazer sexo” significando manter relações sexuais.



A SEXUALIDADE
É UM TEMA QUE
AINDA É TRATADO
COMO UM TABU

2.1 Sexualidade e Deficiência

Quando você pensa em sexualidade, é possível imaginar que possa ser vivenciado por uma pessoa com Deficiência? E quando você pensa em Deficiência é possível pensar que esta pessoa exerça uma vida sexual plena?

Estamos diante de uma questão que interfere diretamente na forma como as pessoas lidam com o assunto, sejam eles, a família e até mesmo os profissionais que trabalham cotidianamente com famílias e pessoas com algum tipo de deficiência.

QUANDO VOCÊ PENSA EM
SEXUALIDADE, É POSSÍVEL
IMAGINAR QUE POSSA SER
VIVENCIADO POR UMA
PESSOA COM DEFICIÊNCIA?

Por que será que isso acontece?

Primeiro temos que entender que a sexualidade é um tema que ainda é tratado como um tabu. Embora, Freud (1969) afirme que a sexualidade é uma questão fundamental para o desenvolvimento humano, pensar na sexualidade de uma pessoa com Deficiência é somar mais um tabu. Isso porque se

tem a ideia de que a pessoa com Deficiência é “assexuada”, ou seja, que a sexualidade não faz parte de seu desenvolvimento. DE PAULA, A. R.; REGEN, M.; LOPES, P. (2005).

Levando-se em conta os estudos da psicanálise

Freudiana, sexualidade é considerada a energia vital que pode ser direcionada para o prazer. Ela está vinculada à afetividade, às relações sociais, às fases do desenvolvimento da libido infantil (oral, anal e fálica),

à genitalidade, ao ato sexual, à procriação, ao erotismo e à sublimação. Esta definição é base norteadora para entendermos como cada pessoa manifesta e pode lidar com sua sexualidade (FREUD, S.1969).



PENSAR NA
SEXUALIDADE
DE UMA
PESSOA COM
DEFICIÊNCIA
É SOMAR
UM TABU

2.2 Estigma/ Estereótipo

A pessoa com Deficiência enfrenta em seu cotidiano diversos desafios, além da própria limitação imposta pela sua condição ainda enfrenta o estereótipo da incapacidade, que é construída socialmente. Sim, a incapacidade é construída socialmente, diante da imagem que se tem, ainda, de que deficiência é ser incapaz em todas as áreas da vida, entre elas, exercer de forma satisfatória relações afetivas e que possam envolver trocas. Troca esta que pode ser uma relação sexual.

Pessoa com Deficiência Intelectual, por exemplo, como há a presença de um déficit cognitivo

e a incapacidade de abstração de conteúdos mais complexos, a questão da sexualidade torna-se mais difícil de ser trabalhada e entendida, pois no caso, a deficiência intelectual é entendida como uma total falta de compreensão de todos os fenômenos que rodeiam a vida dessa pessoa, questão essa que é equivocada. Na atual sociedade nota-se que existe um controle maior nas questões da sexualidade, uma vez que no trato com a pessoa com

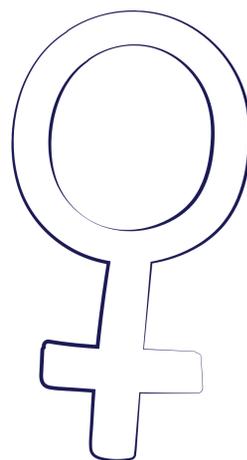
A INCAPACIDADE
É CONSTRUÍDA
SOCIALMENTE, DIANTE
DA IMAGEM QUE SE
TEM, AINDA, DE QUE
DEFICIÊNCIA É SER
INCAPAZ EM TODAS AS
ÁREAS DA VIDA

Deficiência Intelectual devido ao rebaixamento cognitivo muitas vezes os profissionais das instituições que prestam atendimento a esse público, bem como as famílias se mostram, muitas vezes, “perdidos” no que se refere lidar com essa questão. Nos dois casos, o que geralmente acontece é a tentativa de repressão das manifestações da sexualidade, sendo uma das formas ignorá-las, por vários motivos, um deles é de manter a pessoa em um lugar de imaturidade ou eterna criança. (DE PAULA, A. R.; REGEN, M.; LOPES, P. 2005).

Essas dificuldades não se restringem somente às conversas e orientações, mas também à própria maneira como a nossa sociedade encara a sexualidade, como estabelece normas e proibições, como impõe restrições a uma expressão sexual mais livre.

Por que será que isso acontece?

A principal dificuldade em se tratar o tema da maneira está relacionada, na maioria das vezes, à falta de informação adequada, o que acaba gerando uma ideia equivocada de que a sexualidade deve ser vista de forma diferente quando se trata de uma pessoa que apresenta algum tipo de Deficiência.



Descrevemos aqui alguns mitos que dificultam a imagem criada frente às pessoas com Deficiência.

Mito 1

“Pessoas com deficiência são assexuadas: não têm sentimentos, pensamentos e necessidades sexuais”.

Há uma ideia geral de que pessoas com deficiências são assexuadas e isso está diretamente relacionado com a crença de que essas pessoas são dependentes e infantis e, portanto, não seriam capazes de usufruir uma vida sexual adulta. O olhar para a pessoa com Deficiência como alguém infantil é muito comum, porque em geral, relacionam-se à dependência

aspectos como a imaturidade emocional e a infantilidade. Pode-se ter a idade avançada, aspectos cognitivos íntegros, sentimentos de desejo sexual, mas se for preciso ajuda para se alimentar ou se limpar, essa pessoa é considerada pelos outros como uma criança.

O OLHAR PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA COMO ALGUÉM INFANTIL É MUITO COMUM

Mito 2

“Pessoas com deficiência são hipersexualizadas: seus desejos são incontrolláveis e exacerbados. A expressão sexual explícita para quem tem deficiência é uma perversão”.

O interesse por sexo é variável entre pessoas com e sem Deficiência. No caso de uma pessoa com Deficiência há uma ideia equivocada de que sua sexualidade seja exagerada e isso tem mais a ver com a expressão pública de comportamentos sexuais do que com a frequência com que eles ocorrem, principalmente entre aqueles com deficiência intelectual. Não há relação entre sexualidade exagerada e as questões orgânicas da deficiência.

NÃO HÁ RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE EXAGERADA E AS QUESTÕES ORGÂNICAS DA DEFICIÊNCIA.



Mito 3

“Pessoas com deficiência são pouco atraentes, indesejáveis e incapazes de conquistar um parceiro amoroso e manter um vínculo estável de relacionamento amoroso e sexual”.

As mensagens ideológicas relacionadas ao sexo divulgam-no como um direito exclusivo das pessoas jovens e bonitas. Os padrões definidores de normalidade sexual impõem um sexo que envolve protagonistas de corpo perfeito, magro, esbelto, que tenham boa saúde etc., mas esses padrões existem para todos nós e prejudicam a todos. A possibilidade de encontrar um parceiro sexual e

amoroso parece depender de se corresponder a modelos de estética e de desempenho, mas isso não impede que pessoas com Deficiência possam se relacionar amorosamente de modo satisfatório e gratificante.

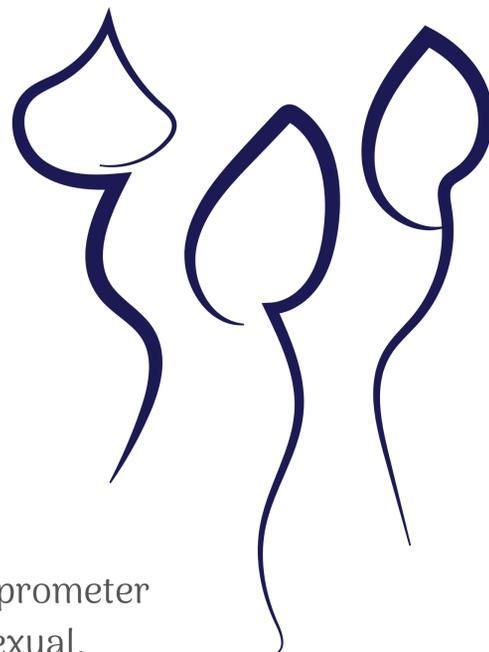
PADRÕES DEFINIDORES DE NORMALIDADE SEXUAL IMPOEM UM SEXO QUE ENVOLVE PROTAGONISTAS DE CORPO PERFEITO

Mito 4

“Pessoas com deficiência não conseguem usufruir o sexo normal que é espontâneo e envolve a penetração seguida de orgasmo, por isso, são pessoas que têm sempre disfunções sexuais relacionadas ao desejo, à excitação e ao orgasmo”.

A DEFICIÊNCIA NÃO IMPEDE DE TER SEXUALIDADE E DE VIVÊ-LA

A deficiência pode até comprometer alguma fase da resposta sexual, mas isso não impede a pessoa de ter sexualidade e de vivê-la. Além disso, na cultura ocidental, que herda as regras repressivas da religião judaico-cristã, culpando o sexo que visa apenas o prazer e não a reprodução e condenando atos como a masturbação, as relações homossexuais, o orgasmo e o desejo acentuado de mulheres, etc., as disfunções sexuais acabam sendo comuns justamente por conta da intensa repressão sexual que, de diversas formas, ainda hoje persiste.



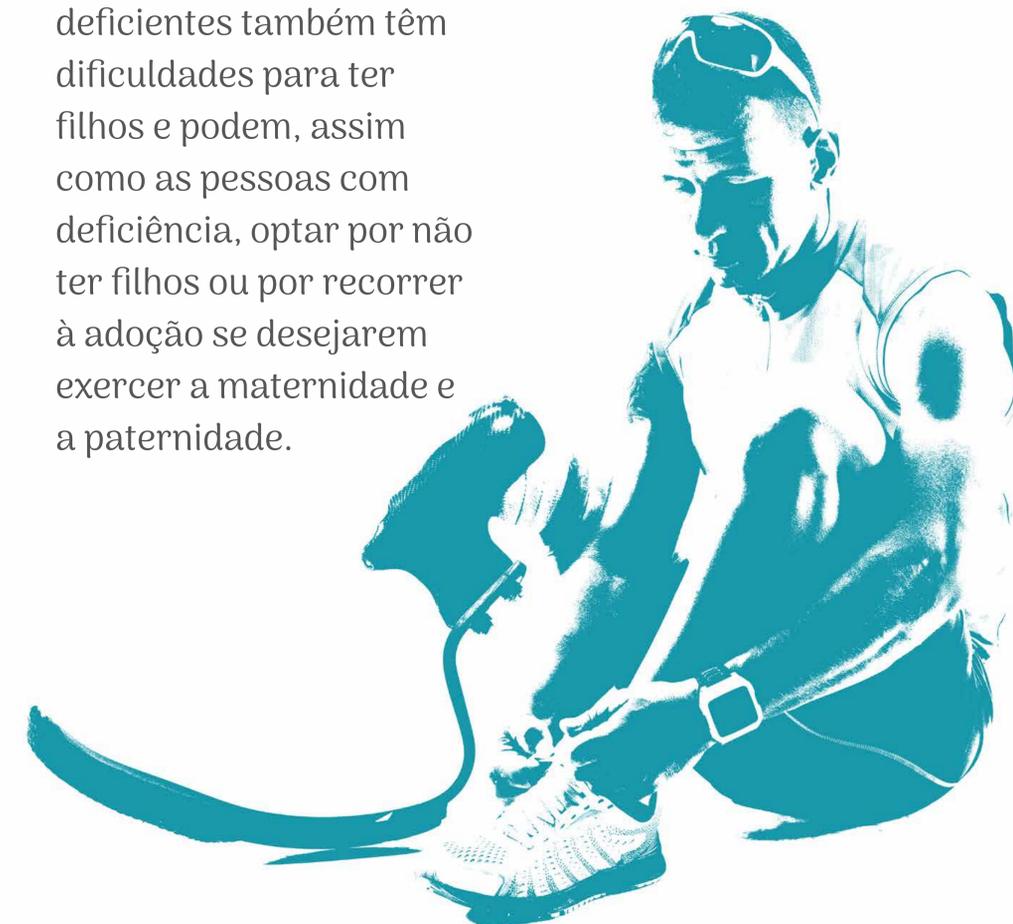
Mito 5

“A reprodução para pessoas com deficiência é sempre problemática porque são estéreis, geram filhos com deficiência e ou não têm condições de cuidar deles”.

Em muitos casos, a deficiência pode prejudicar a vida reprodutiva, havendo redução da fertilidade ou problemas correlacionados, mas a infertilidade não torna nenhum ser humano assexuado e nem impede a possibilidade de manter vínculos afetivos

e sexuais prazerosos e satisfatórios.

De qualquer forma, muitos casais não deficientes também têm dificuldades para ter filhos e podem, assim como as pessoas com deficiência, optar por não ter filhos ou por recorrer à adoção se desejarem exercer a maternidade e a paternidade.



Compreender esses aspectos destacados como “mitos” auxilia na compreensão e que a sexualidade é um aspecto presente na vida das pessoas, sejam elas com Deficiência ou não. E que o nosso papel como sociedade é de garantir

o exercício de forma global. A inclusão não se faz somente rompendo barreiras físicas, aliás as barreiras atitudinais precisam ser olhadas, garantindo com isso o olhar ampliado para a necessidade das pessoas.

A INCLUSÃO NÃO SE FAZ SOMENTE ROMPENDO BARREIRAS FÍSICAS



Você sabe o que é um direito da pessoa com deficiência ter uma vida efetiva?

Vamos entender um pouco da LBI- Lei Brasileira de Inclusão:

Pessoa com deficiência tem direito a vida afetiva?

Segundo o artigo 6º do Estatuto da Pessoa com Deficiência a deficiência não afeta a plena capacidade civil da pessoa com deficiência; até mesmo o direito de casar-se; estabelecer união estável; praticar direitos sexuais e reprodutivos; inclusive decidir sobre o número de filhos e de ter acesso a informações adequadas sobre reprodução

e planejamento familiar; conservar sua fertilidade, sendo proibida a esterilização compulsória;

Para quebramos esse tabu, precisamos ir em busca de informações, reconhecermos os nossos limites e acima de tudo entendemos que é um direito da pessoa com deficiência exercer sua sexualidade.



É de suma importância compreendemos que se não falarmos sobre sexualidade com a pessoa com deficiência nas primeiras fases de vida dela, estamos corroborando para que eles se coloquem em risco, pois a falta de orientação para qualquer pessoa com

deficiência ou não a deixa vulneráveis.

Para isso é necessário encontramos maneiras de abordamos o assunto da maneira mais natural possível.

Se você pai, mãe, cuidador ou educador não se sentem seguro para abordar esse assunto, busque ajuda

de um profissional, pois é necessário deixar as pessoas com deficiência saírem da bolha, pois eles têm que estarem inseridos em todos os âmbitos da sociedade e tem o direito de manifestarem seus anseios e escolhas.



O que podemos fazer?

Muitas famílias com filhos com Deficiência têm dúvidas e medos com relação à questão sexual e afetiva. As dificuldades existem. Saber lidar com a sexualidade de filhos sem Deficiência já é complicado. Fica ainda mais difícil quando se trata de pessoas com deficiência. Por

medo, muitas famílias negam a existência de qualquer manifestação do corpo fisiológicas. O medo existe na maioria das vezes, porque os pais não têm orientação adequada. Nesse sentido lidar de forma clara e objetiva sobre o assunto auxilia na compreensão.

DICAS:

- Conversar com naturalidade;
- Falar de forma clara;
- Explicar sobre o corpo, higiene, cuidado;
- Adapte o assunto para a faixa etária;
- Não fuja do assunto;
- Cuidado com o uso das metáforas;
- Evite fragilizar a pessoa;
- Ensine o respeito;
- Falar das regras sociais, que devem ser respeitadas conforme cada ambiente que a pessoa frequenta;
- Procurar ajuda profissional, quando necessário!!

Trabalho em rede

Para que possa localizar um profissional que possa apoiar e orientar na demanda, procure sua Unidade Básica de Saúde (UBS), e se for necessário este serviço poderá encaminhá-lo para outro especializado.

Recursos para denunciarem casos de maus tratos e qualquer tipo de negligência a pessoa com deficiência:

Conselhos Tutelares, as policias Civil e Militar, Ministério Público, CRAS, CREAS e podendo denunciar (100, nacional, disque 181, estadual; e Disque 156, municipal).

Há em algumas cidades a delegacia da pessoa com deficiência, como em São Paulo por exemplo (11) 3311-3380.



PARTE II

3. Gênero*

SER HOMEM OU MULHER CRIA EXPECTATIVAS DESDE QUANDO ESTAMOS EM PROCESSO DE GESTAÇÃO



Olá, vamos pensar juntos sobre o que é gênero e como ele se constrói no nosso cotidiano, muitas vezes nem percebemos como a construção de ser homem e mulher é algo que desde quando estamos em processo de gestação, vai criando expectativas para os pais sobre essa nova vida que vai vir. Vamos lá?!!!

Mas antes vamos pensar como essa questão é construída na Deficiência, visto que, como bem vimos quando

se trata da sexualidade há uma ideia totalmente equivocada, será que é diferente quando se trata de Gênero? Infelizmente não, a ideia do ser assexuado também interfere na compreensão de Gênero, principalmente quando esta se manifesta de forma diferente dos padrões exigidos pela sociedade.

Vamos imaginar novamente a relação que se faz entre Deficiência e incapacidade, pois

*As discussões de gênero têm crescido graças ao movimento feminista, que desde o século XIX vem problematizando o ser mulher na sociedade. No final desse texto seguirá algumas referências para quem tiver interesse em aprofundar na questão.

bem se pensarmos que as relações de Gênero estão diretamente ligadas a construção do poder, essa por si só já coloca a pessoa com deficiência em uma condição de desigualdade.

E por isso descrevemos como o Gênero é constituído e de que forma podemos enxergar isso na deficiência

Vamos imaginar uma pessoa próxima de vocês que esteja grávida. Quando essa pessoa engravida, geralmente surgem expectativas sobre o nascimento da criança que irá nascer. A pergunta que frequentemente se faz é “qual o sexo da criança?” Se ela é menino ou menina? E a partir da resposta se espera e se sonha com aquele corpo que está sendo gerado.

Agora imagine essa mesma mulher grávida quando se vê diante da ideia de ter um filho com Deficiência? Essa mãe vivenciará o luto do bebê desejado e dar lugar ao processo permeado por angustia e sofrimento diante da notícia.

Continuando na nossa construção de história, vamos supor agora: a pessoa que conhecemos esteja grávida de gêmeos, duas crianças, um menino e uma menina e esta pessoa lhe convida para o chá de bebê ou chá revelação - como as pessoas tem chamado atualmente, para revelar o sexo do feto gerado. O que você levaria de presente para cada uma dessas crianças? Tirando a necessidade específica de fraldas, você daria para o menino

os mesmos artefatos e objetos que você daria para a menina especificamente?

VOCE DARIA PARA O MENINO OS MESMOS ARTEFATOS E OBJETOS QUE VOCE DARIA PARA UMA MENINA?

Geralmente as pessoas dão para os meninos de presente: **carrinhos, bonecos de super heróis, arminhas, pipas, bola, roupinha de cores mais escuras como o azul, espadas.** Para as meninas o que geralmente se dá de presente: **bonecas, barbies, casinhas, objetos domésticos como geladerinhas, fogão, tábua de passar roupa, xícaras e panelinhas, boneca que faz xixi e côco.** E assim ela vai aprendendo desde pequena como se cuida de uma criança...

Percebemos o quanto até os brinquedos indicam e diferencia o que pode uma criança do sexo masculino e uma criança do sexo feminino brincar.

Ou seja, geralmente os corpos das meninas são educadas para o privado, o cuidar da casa, o ajudar a mãe nas tarefas domésticas

e os meninos são educados nos espaços públicos, jogando futebol, empinando pipa, correndo, se sujando e aproveitando o que a rua possa lhe proporcionar de liberdade.

Quando mais tarde essas crianças crescerem e buscarem profissões e direções na vida, elas acreditam que existem coisas e fazeres de meninas e coisas e fazeres de meninos. Por mais que atualmente esteja mudando² esse cenário, ainda vemos que homens se tornam engenheiros, arquitetos, advogados, juizes, policiais e etc., e as mulheres são professoras, cuidadoras, enfermeiras; profissões voltadas para o cuidado.



² [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25223-mercado-de-trabalho-reflete-desigualdades-de-genero#:~:text=0%20fen%C3%B4meno%20da%20dupla%20jornada,71%2C5%25%20deles\).](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25223-mercado-de-trabalho-reflete-desigualdades-de-genero#:~:text=0%20fen%C3%B4meno%20da%20dupla%20jornada,71%2C5%25%20deles).)

3.1 - Patriarcado

Continuando nossa aventura, vamos percebendo por trás de um regime que organiza como as coisas devem – ou deveriam – funcionar – e chamamos de patriarcado.

O patriarcado é o sistema onde os homens se tornam os donos e organizadores da vida dos outros. Quando pensamos no patriarcado podemos pensar naquele modelo antigo onde os homens, tinham suas mulheres, seus filhos e seus escravos e era dono de terras e mandava na sua redondeza: na sua propriedade privada. Hoje no cenário em que estamos inseridos as coisas têm mudado, não

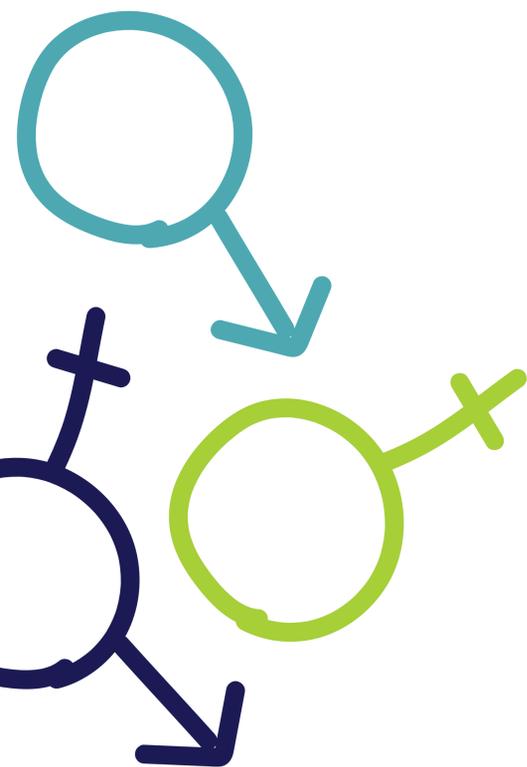
O PATRIARCADO É O SISTEMA ONDE OS HOMENS SE TORNAM OS DONOS E ORGANIZADORES DA VIDA DOS OUTROS

são como antigamente, mas a estrutura de poder e dominação dos homens continuam.

Vemos por exemplo o índice de violência doméstica na sociedade brasileira, homens continuam matando as mulheres, homens continuando matando outros homens, muitas vezes para não levar desaforo para

casa, não mostrar suas fragilidades e emoções.

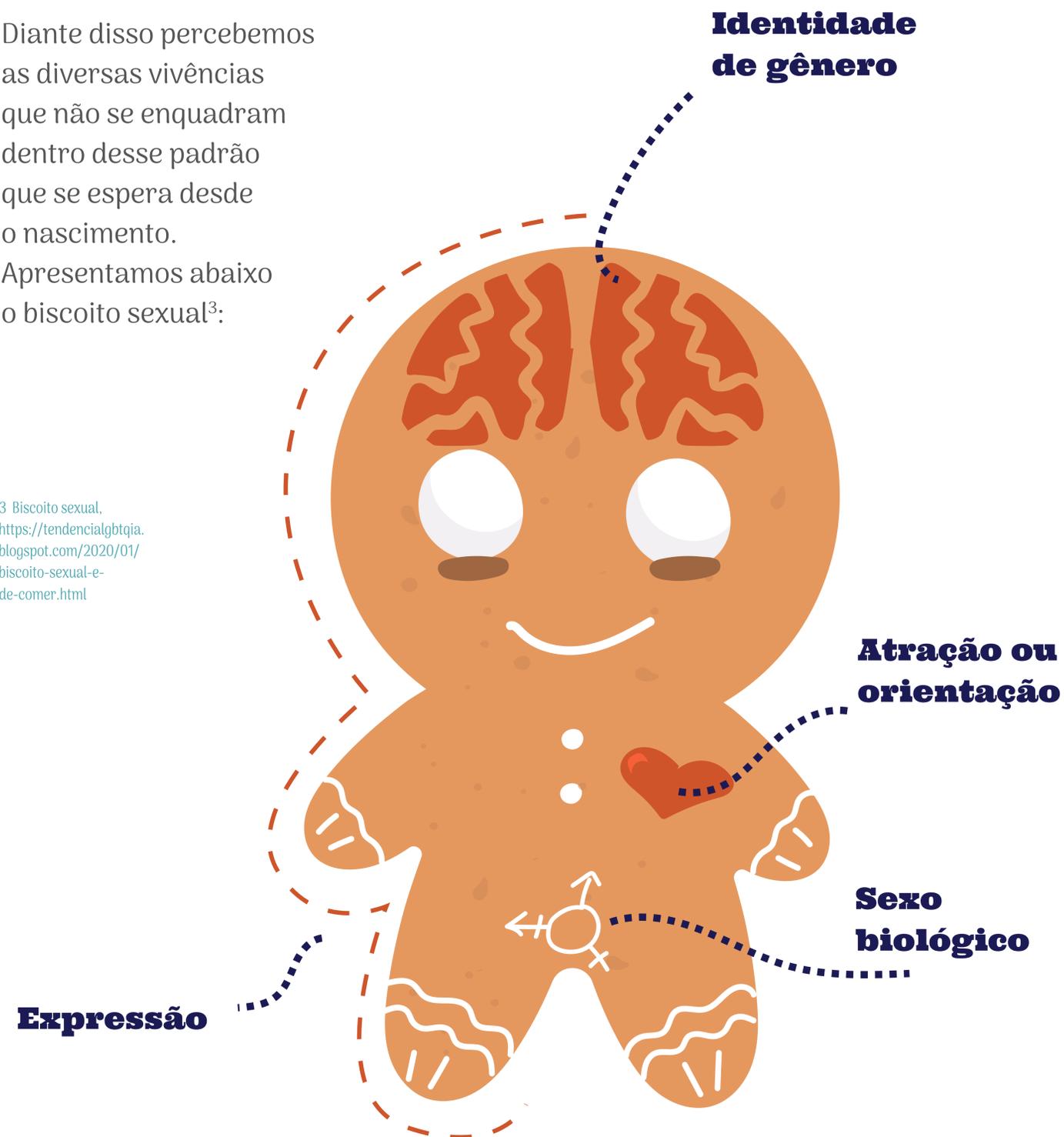
Desde pequenos os homens são ensinados que: “homem não chora”, “tem que andar direito” “ser homem”, ou seja, é um regime que torna os homens rígidos consigo mesmo e com os outros.



3.2 - Biscoito Sexual

Diante disso percebemos as diversas vivências que não se enquadram dentro desse padrão que se espera desde o nascimento. Apresentamos abaixo o biscoito sexual³:

³ Biscoito sexual, <https://tendencialgbtqia.blogspot.com/2020/01/biscoito-sexual-e-de-comer.html>

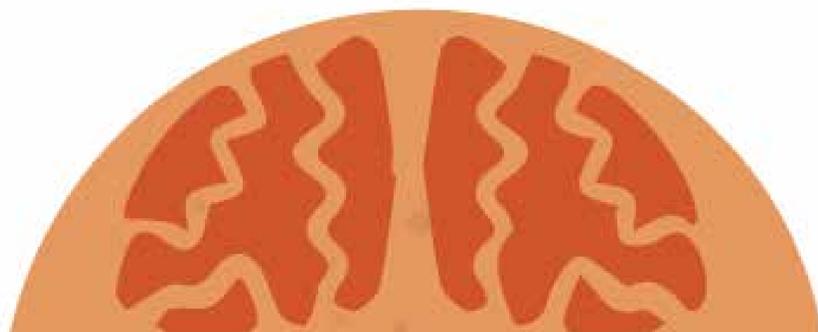


Com esse biscoito podemos visualizar de forma didática como se expressam em nossos corpos as experiências de afeto-sexualidades.

Começamos pela **Identidade de gênero** – setinha que se encontra na cabeça – a identidade de gênero é a forma como nós vemos e nos posicionamos no mundo e nas relações com os outros. Por exemplo: Na identidade de gênero nós temos as pessoas cisgêneras e as pessoas transgêneras. As pessoas cisgêneras são aquelas que ao nascerem e serem

3 Importante lembrar que pessoas transexuais devem ser reconhecidas pelo nome social, nesse caso sempre tratar as mulheres trans e travestis no feminino, assim como os homens trans no masculino. Caso tenha dúvidas, pergunte sempre como a pessoa gosta de ser chamada e assim respeitar o nome dela ou dele.

designadas com o órgão sexual que nasceram, se enxergam e se identificam com o gênero



homem; Maria nasceu com vagina e se identifica enquanto mulher. As pessoas transgêneras são aquelas que não se identificam com o sexo que lhe foi designado ao nascer, e está tudo bem também, não existe nenhuma anormalidade nisso. Por exemplo: Uma pessoa ao nascer pode ser designado enquanto homem por causa de seu pênis, mas a pessoa se vê enquanto mulher, como as mulheres travestis e transexuais, assim como

que foi estabelecido, por exemplo: João nasceu com pênis e se identifica enquanto

algumas pessoas nascem com vagina e não se vêem enquanto mulheres e sim enquanto homens, como os homens trans⁴.

Orientação sexual – onde a setinha aponta para o coração –, é onde o nosso coração bate mais forte, existem várias formas de se orientar afetivo-sexualmente, mas aqui iremos falar especialmente de três: As heterossexuais – são as pessoas que sentem atração pela pessoa do gênero oposto, ou

seja, homens que se apaixonam por mulheres e mulheres que se



apaixonam por homens. As e/ou os homossexuais são as pessoas que se apaixonam por pessoas do mesmo gênero, ou seja, homens que se apaixonam por homens e mulheres que se apaixonam por mulheres. E e/ou as bissexuais, pessoas que se apaixonam por ambos os gêneros, tanto homens quanto mulheres. Não existe nada de errado com as pessoas que gostam de outras pessoas tanto do mesmo gênero, quanto dos dois.

No **sexo biológico** – a setinha onde se

aproxima da região dos órgãos genitais⁵. Existem as pessoas que nascem com vagina, as pessoas que nascem com pênis e as pessoas que nascem com os dois, que são chamadas de intersexual. Geralmente são pessoas que possuem tanto órgãos ditos femininos quanto órgãos ditos masculinos. Por fim, mas não esgotando as nossas possibilidades, temos a **expressão de gênero**, que pode se manifestar de diversas formas: roupas, falas, gestos, comportamentos, acessórios. Assim, existe uma infinidade de possibilidades para cada



um que se expressam no feminino, pessoas que se expressam no masculino

e as pessoas andróginas (que são pessoas que compõem as duas expressões tanto feminina quanto masculina).

Quanta coisa não? Dá um nó na nossa cabeça, não é? Mas é bonito percebermos que o nosso corpo carrega uma enorme diversidade de vivências e possibilidades. Nem todo mundo se enquadra na proposta de simplesmente assumir



5 Diz respeito às genitálias e as composições hormonais e cromossômicas

aquilo que a sociedade quer que eles assumam. E está tudo bem também.

E com todas as diversidades, pessoas com deficiência também vivenciam experiências afetivas, podendo ser pessoas trans, gays, lésbicas e etc. Com isso podemos assegurar enquanto família e instituição que todas as pessoas possam vivenciar suas experiências afetiva-sexual sem correr o risco de sofrer algum tipo de discriminação e violência.

Viva a beleza na diversidade, sem sofrimento, sem preconceito!!!

3.3 - Rede de serviços

As pessoas que não se enquadram dentro do que se espera delas socialmente, podem sofrer diversas violências, dessa sociedade que está cada vez mais intolerante e desrespeitosa. Diante disso apontamos alguns serviços que podem acolher o sofrimento, violências das pessoas LGBTI – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexo.

Centro de Cidadania LGBTI Claudia Wonder (Zona Oeste)

Avenida Ricardo Medina Filho, 603 – Lapa
Segunda a sexta-feira, das 9h às 18h
Telefone: (11) 3832-7507

Muitas vezes não nos damos conta de como ajudar essas pessoas, por isso é importante que saibamos onde e quando orientá-las para que suas vidas não cheguem a ficar em situação de risco.

Ou até mesmo para uma orientação sobre direitos, ou simplesmente tirar dúvidas...

Para quem está em São Paulo nós temos os Centros de Cidadania LGBTI:

Centro de Cidadania LGBTI Laura Vermont (Zona Leste)

Avenida Nordestina, 496 – São Miguel Paulista
Segunda a sexta-feira, das 11h às 20h
Telefone: (11) 2032-3737
centrolgbtleste@prefeitura.sp.gov.br

Centro de Cidadania LGBTI Luana Barbosa dos Reis (Zona Norte)

Praça Centenário, 43 – Casa Verde
Segunda a sexta-feira, das 9h às 18h
Telefone: (11) 3951-1090
centrolgbtnorte@prefeitura.sp.gov.br

Centro de Cidadania LGBTI Edson Neris (Zona Sul)

Rua: Conde de Itu, 673 – Santo Amaro – São Paulo-SP
Segunda a sexta-feira, das 9h às 18h
Telefone: (11) 5523-0413 / 5523-2772
centrolgbtsul@prefeitura.sp.gov.br

Centro de referência da diversidade – CRD

Rua: Major Sertório, 292/292
República – São Paulo-SP
Telefone: (11) 3151-5786

Para quem está fora de São Paulo e por vias das dúvidas não sabe se existe um espaço específico que atenda a população LGBTI, procure a Defensoria Pública do seu município ou os Centros de Referências Especializados da Assistência Social – CREAS – que podem dar também esse suporte para quem está sofrendo ou em situação de risco.



Referências

Beauvoir, Simone de. O segundo sexo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

Engel, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. São Paulo: La fonte, 2012.

DE PAULA, Ana Rita; REGEN, Mina; LOPES, Penha. “Sexualidade e Deficiência: Rompendo o Silêncio”. Expressão 3 Arte Editora, 2005.

FERREIRA, Solange L. Sexualidade na deficiência mental: alguns aspectos para orientação de pais. Temas sobre Desenvolvimento, v. 10, n. 55, p. 35-39, mar./abr. 2001.

FREUD, S. Edição Standart Brasileira da obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969.FERRAZ, Clara Regina Abdalla, ARAÚJO, Marcos Vinícius de,

Federeci, Silvia. Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

Filho, Amílcar Torrão. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. Cadernos Pagu (24), Jan-Jun de 2005, pág. 127-152.

<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/49550023/artigo-6-da-lei-n-13146-de-06-de-julho-de-2015/artigos> acesso em 03/02/2021

.Miskolci, Richard e Campana, Maximiliano. “Ideologia de Gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. Revista Sociedade e Estado – Volume 32, Nº 3, Set/Dez 2017.

Saffioti, Heleieth. Gênero patriarcado violência. 2º ed. São Paulo: Expressão Popular – Fundação Perseu Abramo, 2015.

Scott, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. 20(2): 71-99, jul/dez 1995

Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei Brasileira de Inclusão Nº 13.146, De 6 Julho de 2015.

https://www.sembarreiras.jor.br/wp-content/uploads/2017/06/dia_namorados_deficiente_1-735x440.jpg

ASID
AÇÃO SOCIAL PARA
IGUALDADE
DAS DIFERENÇAS